



Olga e Maria Bonita: memórias e espaços biográficos em reconstrução

Karine Moura Vieira¹.

Felipe Adam².

Centro Universitário Internacional - Uninter.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Resumo: O biográfico configura-se como fenômeno e experiência na contemporaneidade. A superlativação de narrativas do eu, de histórias de vida, torna-se instrumento de reativação, manutenção e construção de memória. Por essa perspectiva, propõe-se analisar a rearticulação de memória sobre Olga Benário Prestes e Maria Gomes de Oliveira, a Maria de Déa, a partir da publicação das biografias Olga (1985) de Fernando Morais e Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço (2018), de Adriana Negreiros. O artigo pretende discutir como as obras, compreendidas como acontecimentos jornalísticos (FONSECA; MOURA VIEIRA, 2011), contribuíram para um reenquadramento dessas mulheres como protagonistas do seu tempo, com a construção de espaços biográficos próprios (ARFUCH, 2010), para além das representações históricas e sociais como companheiras das figuras míticas de Luís Carlos Prestes e Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião.

Palavras-chave: Biografias jornalísticas; Memória; Espaço biográfico; Olga; Maria Bonita.

1. Introdução

Compreender o eu na experiência biográfica é o desafio dos autores biógrafos que empreendem na aventura de investigar, compreender e escrever sobre uma vida. A

¹ Jornalista, professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário Internacional - Uninter. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E-mail: karine-mourav@gmail.com.

² Jornalista e doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Bolsista com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Orientador: Antônio Hohlfeldt E-mail: felipeadam91@gmail.com.

reconfiguração do biográfico em uma perspectiva contemporânea pode ser percebida pela centralidade dos sujeitos: biografado, biógrafo, autor, escritor, pesquisador, historiador, jornalista (MOURA VIEIRA, 2015). Como propõe Loriga (2011) dimensão individual é uma mirada de análise para pensar o biográfico e sua articulação como espaço (ARFUCH, 2010) de manifestação do subjetivo (SARLO, 2007) na contemporaneidade, dimensionando as possibilidades de reativação, manutenção e construção de memória. “Há um alcance da história sobre a vida pessoal e, por esse viés, a escrita biográfica está longe de ser ‘egótica’. Bem pelo contrário, é a ocasião de apreender a densidade social de uma vida” (LORIGA, 2011, p. 219).

Contemporâneas e protagonistas no seu tempo, Olga Benário Prestes (1908 - 1942) e Maria Gomes de Oliveira (1911 - 1938), a Maria de Déa, tiveram suas vidas inseridas na história e na memória brasileira por meio de papéis coadjuvantes: companheiras das figuras míticas de Luís Carlos Prestes e Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Suas biografias - *Olga* (1985), do jornalista mineiro Fernando Morais, e *Maria Bonita: Sexo, Violência e Mulheres no Cangaço* (2018), da jornalista paulista Adriana Negreiros - têm mais de três décadas entre suas publicações. O tempo que separa as produções evidencia um processo de apagamento histórico e memorial sobre a biografia dessas mulheres, personagens representadas historicamente e socialmente, a partir de narrativas de vidas do outro, seus companheiros. Faz-se importante compreender as limitações do presente exercício reflexivo frente as potencialidades e possibilidades que tais narrativas trazem na complexificação dos espaços biográficos reconstruídos, como as perspectivas de gênero, que perpassam as obras e que poderão ser abordadas em trabalhos posteriores em um aprofundamento da pesquisa. Nesta reflexão exploratória, propõe-se observar alguns reenquadramentos de memória sobre essas trajetórias, pela potencialidade da biografia como acontecimento jornalístico (FONSECA, MOURA VIEIRA, 2011), e os processos de reconstrução seus espaços biográfico e de memória sobre as histórias de vida de Olga e Maria Bonita, performadas a partir de suas biografias. Essas obras biográficas apreenderam em suas narrativas a densidade social de suas vidas, redimensionando suas trajetórias na história, na cultura e na sociedade.

2. Biografia como acontecimento jornalístico

Ao problematizarem a biografia compreendida como acontecimento jornalístico, Fonseca e Moura Vieira (2011) partem da perspectiva de Charaudeau (2007) que difere o acontecimento do fato, no qual “é sempre uma construção de sentido que se situa no âmbito do que chama de ‘mundo a comentar’ (da esfera da produção), que não coincide necessariamente com o ‘mundo comentado’ (da esfera da recepção)” (FONSECA, MOURA VIEIRA, 2011, p. 100).

O acontecimento se encontra nesse “mundo a comentar” como surgimento de uma fenomenalidade que se impõe ao sujeito, em estado bruto, antes de sua captura perceptiva e interpretativa. Assim sendo, o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível. (CHARAUDEAU, 2007, p. 95).

Para o autor, o acontecimento que precede a notícia “é selecionado e construído em função do seu potencial de ‘atualidade’, ‘socialidade’ e ‘imprevisibilidade’” (FONSECA, MOURA VIEIRA, 2011, p. 101). Por esses atravessamentos, refletem-se sobre as bases de produção de biografia produzidas por jornalistas. “Conforme Charaudeau, essa seleção seria feita em função de dados mais ou menos objetivos em relação a tempo, a espaço e hierarquia” (FONSECA, MOURA VIEIRA, 2011, p. 101). Quando se fala no tempo, compreende-se a noção de atualidade como central, porém mais próxima da perspectiva histórica de acontecimento, “embora o viés jornalístico ressuscite esse acontecimento desvelando-lhe atributos de temporalidade perpassados por elementos de atualidade (FONSECA, MOURA VIEIRA, 2011, p. 102). Quando se refere ao espaço, este é compreendido pela relação da recepção, ou seja, a proximidade relativa com o acontecimento relatado.

Por fim, no que se refere a hierarquia, é preciso compreender, segundo Charaudeau (2007), quais critérios externos (pelo modo aparição)³ ou internos, relacionados às

³ Os externos estariam voltados para o modo de aparição do acontecimento, e poderiam ser classificados como acontecimento factual inesperado, acontecimento programado e acontecimento suscitado. Já

escolhas da instância midiática em função do princípio de saliência que, neste contexto, se impõem no sentido da percepção do biógrafo em entender a necessidade de produção da biografia sobre um determinado personagem, no sentido de um rompimento na uniformidade histórica, apreendendo “a densidade social” daquela vida, em um movimento “do estado de não acontecimento ao de acontecimento” (CHARAUDEAU, 2007, p. 100).

Fonseca e Moura Vieira (2011, p. 106) identificam diferentes situações sobre o fenômeno biográfico “na sua emergência e apropriação pela mídia”: “a biografia em si – a inclusão do lançamento da obra na agenda dos veículos; o biografado – que tem a sua história de vida resgatada; e, em alguns casos, os desdobramentos da biografia em outros produtos e suportes, como filmes e minisséries” e a transformação desses novos produtos em notícia.

Na negociação sobre o potencial do acontecimento como jornalístico, observa-se a dimensionalidade contrato de informação midiática decorrente das obras biográficas de Fernando Morais e Adriana Negreiros, as suas constituições como acontecimento e dos desdobramentos desse acontecimento em produto midiático. No caso da biografia sobre Maria Bonita, Negreiros apresenta, sob um viés mais realístico, a história de vida de Maria de Déa e não a narrativa mítica da Maria Bonita, construída ao longo de décadas e presente no imaginário do cangaço, no qual as mulheres e suas trajetórias foram, por vezes, romantizadas, quando não silenciadas. Antes do lançamento da biografia de Negreiros, o cangaço serviu de objeto de pesquisas para historiadores, jornalistas e demais interessados – entretanto, sempre centrada na visão masculina de Lampião, Corisco e outros integrantes do bando que percorriam as cidades do interior do Nordeste brasileiro durante a década de 1920 e 1930. Contudo, quando se tratava da figura do Rei e da Rainha do Cangaço, como na minissérie da TV Globo *Lampião e Maria Bonita*⁴, de 1982, na qual a personagem foi imortalizada pela atriz Tânia Alves, a vida de crimes do

os critérios internos seriam aqueles relativos às escolhas operadas pela instância midiática em função do princípio de saliência (FONSECA, MOURA VIEIRA, 2011, p. 102-103).

⁴ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseriess/lampiao-e-maria-bonita/>. Acesso em 28 jul. 2020.

casal foi transformada “em uma bela história de amor ao estilo dos salteadores americanos” (NEGREIROS, 2018, p. 14-15).

Como se vê, o contrato midiático com a história de Maria Bonita já estava estabelecido. A biografia o reconfigura, trazendo para o espaço a história de Maria de Déa por trás do mito mas, também, a história das mulheres no cangaço, uma recuperação histórica sobre a presença feminina. Olga Guttmann Benário Prestes, em 1985, estava registrada na história contemporânea do Brasil como a mulher de Luís Carlos Prestes. Moraes faz a escolha de contar a história de Olga a partir da sua trajetória como militante da Juventude Comunista em Munique, sua atuação em missões para o Partido Comunista, bem como toda a sua atuação aqui no Brasil, ao lado de Prestes, até o seu trágico fim, separada da filha, no campo de extermínio de Bernburg. A obra permaneceu 29 meses na lista dos livros mais vendidos e, por isso, é “[...] o maior best-seller jornalístico do Brasil de 1966 a 2004” (CATALÃO JR, 2010, p. 108).

A partir de então, a história de Olga estabelece um contrato midiático que atravessa mais de duas décadas. Há uma primeira republicação pela Companhia das Letras, em 1993 e, quase dez anos depois, em 2002, em virtude dos 60 anos de falecimento de Olga Benário, a editora traz ao mercado uma nova edição. Em 2004, o livro de Moraes inspiraria o filme homônimo *Olga*⁵, estreado no dia 20 de agosto daquele ano e, por isso, a editora publica novamente a obra em uma versão especial, de acordo com a capa do longa. Quatro anos mais tarde, no centenário de nascimento da protagonista, a editora Companhia das Letras lançou uma edição de bolso. Em 2017, sua filha, a historiadora Anita Leocádia Prestes, traz um novo olhar sobre a vida da mãe ao lançar *Olga Benário Prestes: uma comunista nos arquivos da Gestapo*, pela editora Boitempo, um relato biográfico a partir de documentos inéditos.

Retomando a noção apresentada por Charaudeau (2007) sobre a construção do acontecimento em função do seu potencial de atualidade, socialidade e imprevisibilidade, é possível explorar algumas das circunstâncias que contribuíram para que essas biografias se tornassem um acontecimento midiático. Os jornalistas trazem o particular-

⁵ Dirigido por Jayme Monjardim, a cinebiografia era estrelada pela atriz Camila Morgado no papel-título e Caco Ciocler, como Luís Carlos Prestes. Disponível em: <http://globofilmes.globo.com/filme/olga/>. Acesso em 28 jul. 2020.

mente notável de cada uma de suas biografadas, proporcionando um novo enquadramento de memória sobre elas, a partir de suas escolhas jornalísticas e dos valores de memória por eles, estabelecidos. As duas personagens se estabelecem um novo pacto midiático, histórico e memorial, a partir da biografia como acontecimento pela sua constituição discursiva como relato biográfico que propõem uma apreensão sobre a dimensão social da vida das personagens. Como define Charaudeau (2007, p.103), “o propósito recorta o mundo em um certo número de universos de discurso tematizados”, tratados a partir de “critérios de atualidade, de socialidade e de imprevisibilidade”, garantindo “uma visibilidade [...] produzindo um possível efeito de captação”. Neste contexto, os limites entre espaço público e acontecimento midiático se misturam, “tal como aparece em sua configuração discursiva”.

3. O espaço biográfico

É preciso observar a experiência biográfica, na diversidade de perspectivas sobre o gênero, e neste contexto a constituição da existência de um “espaço biográfico”, mobilizado pelo interesse em compreender o sujeito e as suas subjetividades (MOURA VIEIRA, 2015). O conceito de Arfuch (2010) procura olhar para além do gênero discursivo, na perspectiva experiencial do biográfico na contemporaneidade, “na proliferação de tipos de narrativas, principalmente as midiáticas – nas notícias, por exemplo, onde micro-histórias de vida são narradas cotidianamente –, e o sujeito, o outro, é o centro do relato” (MOURA VIEIRA, 2015, p. 20).

Essa ubiquidade, essa insistência aqui e ali, faz com que não possamos considerar o espaço biográfico uma espécie e macrogênero, que albergaria simplesmente uma coleção de formas mais ou menos reguladas e estabelecidas, mas antes um cenário móvel de manifestação – e de irrupção – de motivos, talvez inesperados. Dito de outro modo, não é só a autobiografia, a história de vida, uma entrevista biográfica, performadas temática e compositivamente enquanto tais, entrariam em nossa órbita de interesse, mas também os diversos momentos biográficos que surgem, mesmo inopinadamente nas diversas narrativas, particularmente nas midiáticas. Ali, nesse registro gráfico ou audiovisual que tenta dar conta obstinadamente – cada vez mais “pela boca de seus protagonistas” - do “isso aconteceu”, talvez seja onde se manifesta, com maior nitidez, a busca da plenitude da presença – corpo, rosto, voz – como proteção inequívoca da existência, da mítica singularidade do eu. (ARFUCH, 2010, p. 74).

A autora problematiza o fenômeno biográfico pelo atravessamento da produção midiática, “onde realiza uma aproximação dos relatos no sentido de observar a complementariedade, no plano do discurso social” (MOURA VIEIRA, 2015, p. 20): “uma narrativa privilegiada que, aos poucos, borra e infringe os limites dos gêneros” (ARFUCH, 2014, p. 70).

A biografia escrita por Negreiros traz uma perspectiva feminista sobre o movimento que teve toda a sua narrativa histórica e cultural construída numa vertente machista. A presença das mulheres, apesar de registrada, foi narrada pelo estereótipo de mulheres fiéis, companheiras e guerreiras, com o apagamento da violência e dos abusos, praticamente naturalizados no interior do sertão nordestino nos anos de 1920. De outro lado, em *Olga*, Fernando Morais, mais de quatro décadas depois da sua morte, apresentou Olga Gutmann Benário, judia militante da juventude comunista na Alemanha, que já era uma figura importante e com trajetória própria dentro do Partido Comunista.

4. Personagens em reconstrução e memória

As lógicas de reconfiguração dos espaços biográficos (ARFUCH, 2010) de Olga e Maria Bonita são operadas em processos dissonantes. Olga tem sua história, para além da definição de “a mulher de Prestes” revelada a partir da narrativa de Fernando Morais. O autor justifica a necessidade de contar a história de vida de Olga, pelo esquecimento a que foi relegada.

Logo que iniciei a investigação para escrever este livro, em 1982, percebi que as dificuldades para recompor o retrato de Olga seriam muito maiores do que supunha. No Brasil não havia praticamente nada sobre ela – e surpreendi-me ao descobrir que até mesmo a historiografia oficial do movimento operário brasileiro, produzida por partidos ou pesquisadores marxistas relegara invariavelmente a ela o papel subalterno de “mulher de Prestes” – e nada mais do que isso. (MORAIS, 1985, p. 3-4).

Enquanto Olga Benário era “a mulher de Prestes” para a história oficial, Maria de Déa era a Maria Bonita, a “cangaceira mais ilustre da história do Brasil” (NEGREIROS, 2018, p. 12). Sua fama, como explica Adriana Negreiros no prólogo da biografia,

é marcada pela dubiedade na história do cangaço e no folclore e memória popular e até na apropriação pela indústria cultural. Os registros dos jornais de 1930 e das histórias contadas sobre o cangaço colocaram a sua figura no obscurantismo e “à sombra do marido”. Porém, a falta de informações concretas sobre a sua trajetória permitiu uma certa mitificação depois da sua morte, como a brava, destemida e guerreira “hábil amazona do sertão, uma Joana d’Arc da caatinga” (NEGREIROS, 2018, p. 13).

Perpetuou-se a falsa ideia de que, no cangaço, homens e mulheres tinham direitos iguais. Produziu-se um sem-número de versões sobre sua existência bravia, disseminadas pela literatura de cordel, pelos livros e pela televisão. Essa versão romântica e justiceira de Maria Bonita, rapidamente apropriada pela indústria cultural, tornou-se um produto de forte apelo comercial – expandiu seus limites para muito além das fronteiras do sertão”. (NEGREIROS, 2018, p. 13).

Por meio das análises de Arfuch (2010), o espaço biográfico envolve vários aspectos narrativos seja no âmbito impresso, audiovisual ou popular. Markendorf (2013, p. 18) foi pontual ao lembrar das observações do sociólogo francês Edgar Morin quando este indicou que o cinema “[...] não apenas contribuiu para a fabricação de um novo Olimpo, por meio do *star system*, mas também cedeu espaço para que figuras lendárias fora do âmbito cinematográfico ocupassem *frames* de seus altares, através dos dramas biográficos”. A vida de Maria Bonita foi transformada em minissérie antes da biografia de Negreiros, reforçando uma narrativa romantizada sobre o cangaço e sobre esta mulher transgressora para seu tempo, capaz de cometer crimes em nome do amor. Em contraposição, a obra biográfica propõe a desconstrução nas narrativas constitutivas de um espaço biográfico pré-existente. Por outro lado, no caso de Olga, a cinebiografia existe a partir da biografia de Morais como referência, mas com as potenciais adaptações do novo narrador, o diretor Jayme Monjardim.

Como se pode observar, o enquadramento de memória da história de vida da personagem se manifesta de acordo com as escolhas de cada um dos seus narradores (nas biografias e na minissérie), a partir dos valores de memória que eles, em linguagem e suportes distintos, estabeleceram. Trata-se da desconstrução da “narrativa do eu” e da celebração da mobilidade do eu, a partir da multiplicação dos cenários culturais e de modelos referenciais em que o indivíduo está inserido. (FONSECA, MOURA VIEIRA, 2011, p. 107).

Ao se registrar o passado de uma pessoa, também se preserva a memória do indivíduo inserido num coletivo, isto é, um ser singular que de alguma forma exerceu e contribuiu com sua atividade no ambiente social. Nessa linha de raciocínio, Maurice Halbwachs (1990) estudou o conceito de memória coletiva. Para ele, “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Por mais que o indivíduo busque viver de forma isolada, essa solidão não bloqueia influências de caráter externo. Essa vivência faz reflexo no desenvolvimento de uma memória individual. “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51). A partir dessas definições, parte-se do pressuposto que os critérios para a escolha de um biografado perpassam questões comerciais. Afinal, quem merece ser lembrado no futuro?

Soma-se a isso o fator representação como uma produção de sentido por meio da linguagem (HALL, 2016). Para isso, o teórico levanta três abordagens de representação - a reflexiva, a intencional e a construtivista. Esta última categoria, em especial, reconhece o âmbito público e social da linguagem. “As coisas não *significam*: nós *construímos* sentido, usando sistemas representacionais – conceitos e signos” (HALL, 2016, p. 48). Isto é, o mundo material existe; porém, é no sentido simbólico em que a linguagem opera. (HALL, 2016).

Tanto Olga Benário Prestes quanto Maria Bonita foram silenciadas ao longo da história. Com a publicação em livro – e, mais tarde em filme – a vida da companheira do comunista líder da Coluna Prestes ganhou uma narrativa própria, contando quem foi a judia que o então presidente Getúlio Vargas havia encaminhado aos campos de extermínio nazistas. Da mesma maneira, a história do cangaço era contada a partir de um local de fala diferenciado, através da trajetória de sofrimento da protagonista Maria Bonita (WOITOWICZ; ADAM, 2020).

Ao pesquisar os relatos de mulheres sobreviventes nos campos de concentração de Auschwitz-Birkenau, localizada na Polônia, o sociólogo austríaco Michael Pollak

(1989) constatou que ao analisar os ditos excluídos do ambiente social – bem como os marginalizados e as minorias – a memória subterrânea se fez presente ao se opor a uma memória considerada oficial, verdadeira, correta. “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1989, p. 3). Ao concluir que o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo, Pollak (1989, p. 11) infere que “[...] um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação”.

Sarlo (2007) contribui com o debate ao indicar que o passado se torna conflituoso à medida que as lembranças surgem de forma incontável. Entretanto, embora houvesse um enfraquecimento diante do instantâneo, os últimos anos presenciaram uma volta à valorização da memória. Essas décadas “[...] foram as décadas da museificação [...] do surpreendente renascer do romance histórico, dos best-sellers e filmes que visitam desde Tróia até o século XIX, das histórias da vida privada” (SARLO, 2007, p. 11). Essa busca pela compreensão do passado a partir das narrativas de vida cotidiana evidencia a necessidade dos indivíduos procurarem se identificar com padrões diante de uma crise de pertencimento num mundo líquido (BAUMAN, 2005) bem como originalidades de atores sociais que foram estigmatizados. “Esses sujeitos marginais que teriam sido relativamente ignorados em outros modos de narração do passado, demandam novas exigências de método e tendem à escuta sistemática dos ‘discursos de memória’: diários, cartas, conselhos, orações” (SARLO, 2007, p. 17).

No período de pesquisa para o livro *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço*, Negreiros (2018) procurou prestigiar as falas das companheiras dos homens que integravam o grupo bandoleiro de Lampião. Num cenário manchado pela brutalidade do sertão e pela violência diária que imperava na rotina dos “cabras”, a história oficial evidenciou os casos em que pudessem esclarecer os bastidores do cangaço. Infelizmente, as histórias contadas pelas mulheres do grupo eram tidas como ficcionais, além de estas serem tratadas - na maioria das vezes - como seres infantis:

Colocar em suspeição a versão das cangaceiras faz parte do mesmo padrão e da mesma lógica que insiste em desqualificar os relatos das mulheres quando violentadas. Uma distorção atávica, que transforma vítimas em culpadas e procura encontrar no comportamento feminino as alegadas razões para justificar a opressão. (NEGREIROS, 2018, p. 250).

É importante destacar que, assim como Olga, Maria Bonita também possuía um caráter transgressor, ainda mais em uma época de silenciamento feminino. “A coragem de desfazer um casamento falido para acompanhar o homem que desejava e a disposição para enfrentar fome, sede e perseguição policial em nome de um grande amor inspiraram gerações de mulheres por décadas” (NEGREIROS, 2018, p. 16). O bando de Lampião era famoso no Nordeste pelas arruaças; todavia, o grupo carregava aspectos dicotômicos: embora causasse medo na comunidade, também despertava fascínio e paixão. Pela curiosidade e ousadia, “[...] Maria Gomes de Oliveira se tornaria a primeira cangaceira da história do Brasil. Antes dela, nunca, em momento algum, uma mulher acompanhara o grupo de bandoleiros. Muitos tinham suas companheiras, mas não permitiam que os seguissem” (NEGREIRO, 2018, p. 45). Somado a isso, a autora (2018, p. 49) lembra que “[p]or mais mulheres que entrassem no grupo, nenhuma superava em importância presença de Maria de Déa. Lampião se considerava o Rei do Cangaço e Maria, sua esposa, arvorava-se Rainha”.

É válido inserir a relação de parceria que havia entre Lampião e Maria Bonita. Mesmo tendo a voz silenciada num nicho carregado por ideias majoritariamente machistas, Maria Bonita tinha poder de influência sobre o companheiro (NEGREIROS, 2018). Não eram raros os casos em que a biografada interferia num ato de violência de Lampião. Embora colaborasse na tortura - conforme escrito por Negreiros (2018, p. 121), “[t]inha por hábito, por exemplo, arrancar brincos de mulheres inimigas à força, rasgando-lhes os lóbulos” -, Maria Bonita também salvava almas. “Além de crianças, sensibilizava-se com os dramas e as necessidades dos rapazes mais jovens. (...) Seus protegidos eram compensados ainda com porções maiores de comida” (NEGREIROS, 2018, p. 144).

Essa relação de amor e ódio no cangaço, entre dominantes e submissas, despertava invejas e frequentes traições. A leitura de Negreiros (2018) sobre o protagonismo feminino indica um caminho fértil para estudos de gênero e de raça, como observado

por Woitowicz e Adam (2020), por exemplo. Neste caso, os autores analisaram as personagens Maria Bonita e Elis Regina a partir de quatro tópicos: patriarcado, feminismo negro, maternidade e independência feminina e inferiram que as mulheres carregam representações não apenas em obras ficcionais, mas também em livros biográficos.

Morais, ao contar a história de Olga, afirma logo na apresentação que o livro não é a sua versão sobre a vida da personagem, mas versão que acredita ser a real. Nesta sustentação de uma verdade biográfica, o jornalista traz depoimentos e documentos. O livro abre narrando um acontecimento que marcou a trajetória de Olga no Partido Comunista, como a libertação do professor Otto Braun, em 1928, liderado por ela.

Na hora do almoço, uma edição extra do diário Berliner Zeitung am Mittag já dava detalhes, sob escandalosa manchete, do que chamava de “ousada cena de faroeste” ocorrida de manhã em Moabit. O jornal anunciava em primeira mão o nome da linda jovem que comandara o ‘assalto comunista’: Olga Benário (MORAIS, 2008, p. 13).

A personalidade independente de Olga Benário e sua determinação por fazer o que acreditava, é revelada já na reconstrução da sua vida a cada página pelo autor, desde a sua atuação como membro da Juventude Comunista. No relacionamento com Prestes, Moraes mostra o companheirismo de Olga até, por assim dizer, sua devoção ao marido, retratada na reconstrução da cena da prisão dos dois pela polícia política de Filinto Müller.

Um número indefinidos de soldados e policiais civis avançou sobre dona Júlia, de metralhadoras engatilhadas, em direção ao pequeno corredor por onde Prestes entrara. Foi então que aconteceu o inesperado. Uma mulher alta pula na frente de Prestes, protegendo-o com seu corpo, e dá um berro para os soldados. Não era um pedido de clemência, mas uma ordem dada por Olga:
— Não atirem! Ele está desarmado! (MORAIS, 2008, p. 141).

Já no período que Olga fica na prisão, Moraes destaca a obstinação da militante em sobreviver ao cárcere e cuidar da sua gravidez, mas se mantendo atuante ensinando a ideologia marxista aos outros detentos. Uma demonstração da personalidade transgressora da personagem que, mesmo na prisão em Berlim, na Alemanha, sob controle da Gestapo, Olga manteve “o seu proverbial atrevimento” ao exigir o registro da filha como cidadã brasileira. No relato, o escritor mostra a dimensão humana da militante, ao

superar o abominável crime de ser separada da filha e a sua fibra de, apesar de tudo sofrimento, resistir às várias sessões de interrogatórios e à mentira, de que a filha estava em uma creche nazista, quando na verdade estava com a avó paterna, Leocádia Prestes.

No campo de concentração de Ravensbrück, ao ser designada pela Gestapo como responsável pelo bloco, Olga não se omitiu e se tornou uma liderança:
- Enquanto eu estiver aqui ninguém será denunciado à SS. Nossos problemas terão que ser resolvidos entre nós. Agora quero saber quem foi que gritou: aquela que disse o palavrão tem que aparecer e discutir suas objeções aqui, cara a cara, na frente de todas. (MORAIS, 2008, p. 247).

Fernando Morais e Adriana Negreiros compartilham em suas produções biográficas do desafio de dimensionar vidas que superem espaços biográficos, memórias e estereótipos estabelecidos histórica e culturalmente. Uma oportunidade de fôlego para re-direcionar o papel que cada personagem ocupou no passado recente do Brasil.

5. Considerações finais

O presente trabalho se propôs a discutir como as obras *Olga* (1985), do jornalista mineiro Fernando Morais, e *Maria Bonita: Sexo, Violência e Mulheres no Cangaço*, da paulista Adriana Negreiros, contribuíram para um reenquadramento das mulheres biografadas como protagonistas do seu tempo, com a construção de espaços biográficos próprios e delimitados (ARFUCH, 2010). Compreendidas como acontecimentos jornalísticos (FONSECA, MOURA VIEIRA, 2011), os livros tanto desmitificam as personagens quanto prestigiam a trajetória singular de um passado transgressor frente ao sistema do patriarcado.

O processo de silenciamento que as personagens Olga Benário e Maria Bonita sofreram ao longo da história apenas reforça o modelo de submissão e posterior apagamento que as mulheres sofreram e ainda estão submetidas ao longo do percurso cultural brasileiro. Histórias marcadas pela tragédia de suas mortes, pois foram assassinadas – a primeira, no campo de concentração nazista de Bernburg, em 1942; a segunda, em um cerco armado pela polícia em Sergipe, no ano de 1938 – denotando que a violência do período ditatorial do governo Vargas corroborou com o apagamento de qualquer vestí-

gio que pudesse provocar alguma ilação ao movimento comunista no país, no caso de Olga, e à agitação dos cangaceiros, como em Maria Bonita.

O espaço biográfico se torna mais evidente e vultoso com a publicação de obras editoriais reenquadram trajetórias de mulheres que, no seu tempo e, por muitos anos, estiveram apenas à sombra dos companheiros célebres para a história. As vidas de Olga e Maria Bonita – conforme observado nos relatos das biografias produzidas por Morais (1985) e Negreiros (2018) – são singulares; contudo, cada uma abdicou de causas próprias para se tornar, em certa medida, a extensão da trajetória do parceiro.

É importante ainda mencionar que a temática é muito ampla e não se finda nas páginas deste trabalho. Por serem protagonistas podem ser analisadas a partir de outras perspectivas, como os de estudos de gênero e de raça. Afinal de contas, a função do jornalista, seja repórter, biógrafo ou pesquisador, é também iluminar o passado para que as lembranças possam servir de exemplo aos dias atuais, possibilitando, a partir do singular, a apreensão do contexto da dimensionalidade social de cada história de vida.

Referências

ADAM, Felipe. **A história do jornalismo brasileiro através das biografias de profissionais da imprensa publicadas pelas editoras universitárias (1998-2018)**, 2020. 161 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 2020.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

_____. (Auto) biografia, memória e história. **Clepsidra - Revista Interdisciplinária de Estudos sobre Memória**, Nº 1, março 2014, pp. 68-81 2014. Disponível em: <http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/clepsidra/article/download/ARFUCH/pdf>. Acesso em 28 jul. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CATALÃO JR, Antonio Heriberto. **Jornalismo best-seller: O livro-reportagem no Brasil contemporâneo**, 2010. 252 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araçatuba, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

FONSECA, Virgínia Pradelina da S.; MOURA VIEIRA, Karine M. A biografia como acontecimento jornalístico. **Líbero**, v. 14, nº 28, p. 99-108, dezembro de 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o “mugging” nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MARKENDORF, Marcio. Reflexões sobre a memória biográfica no meio audiovisual contemporâneo. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 16-28, 2013.

MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MOURA VIEIRA, Karine. **Do fazer um saber: a construção do biografar - O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros**, 2015. 213 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2015.

NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em:
http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em 30 jul. 2020.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WOITOWICZ, Karina Janz; ADAM, Felipe. Protagonismo feminino em biografias: perspectivas de gênero na construção das personagens Elis Regina e Maria Bonita. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, v. 29, n. 1, p. 299-315, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/51899/30925>. Acesso em 28 jul. 2020.